

RAZÃO E FÉ: RELAÇÃO POSITIVA

Francisco das Chagas Sousa Lima ¹

¹ Pós-graduando em Ciências da Religião, Instituto Souza, e-mail: prsousalima@bol.com.br

RESUMO

Razão e fé sempre foram distintas, mas atualmente percebe-se que ambas são interdependentes. Esta pesquisa teve como objetivo informar a maneira como razão e fé podem se relacionar positivamente. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica. Os resultados mostraram que a razão é a base para fé, e a fé é o elemento que faz a razão alcançar característica transcendente. Concluiu-se que Razão e fé, contribuem para o desenvolvimento mútuo, quando tentam andar juntas para desvendar os mistérios da fé e alcançar o pleno conhecimento da verdade. Quando assim acontece o verdadeiro saber é construído, saber que tem um pé na razão e o outro no que transcende, como disse Albert Einstein, “A ciência sem religião é manca, a religião sem a ciência é cega”.

Palavras – chave: Fé, Razão, Religião.

1 INTRODUÇÃO

Embora muitos sustentem a tese de que a fé seja algo incompreensível, percebe-se que cada vez mais a razão tem sido utilizada pela religião como um instrumento de comprovação e confirmação da fé confessional.

“A fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio...”, (PAULO II, 1998, p. 1).

A religião vem tornando cada vez mais comum a utilização da razão para estabelecer conceitos e dar explicações plausíveis sobre fenômenos e experiências religiosas. Pois a razão decorre do:

“... raciocínio lógico associado à experimentação prática. Caracteriza-se por um conjunto de modelos de observação, identificação, descrição, investigação experimental e explanação teórica de fenômenos. O método científico envolve técnicas exatas, objetivas e sistemáticas. Regras fixas para a formação de conceitos, para a condução de observações, para a realização de experimentos e para a validação de hipóteses explicativas. O objetivo básico da ciência não é o de descobrir verdades ou de se constituir como uma compreensão plena da realidade. Deseja fornecer um conhecimento provisório, que facilite a interação com o mundo...” (FONSECA, 2002, p. 11).

A relação positiva entre razão e fé surge da sensibilização de pesquisadores e cientistas em dar à sociedade respostas científicas sobre fenômenos sobrenaturais, experiências e fenômenos religiosos, etc. Já que uma parcela da sociedade é regida por uma fé de conceitos pré-concebidos acerca do que seja místico, oculto, sagrado, profano, natural, sobrenatural.

Mediante estudo bibliográfico pretende-se informar como a razão e a fé podem se relacionar positivamente.

Para a realização deste trabalho foi utilizada pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica se desenvolve com base na coleta de informações específicas sobre determinado problema, as informações colhidas de teóricos, instituições de pesquisa, etc. São catalogadas e sintetizadas com o objetivo de se obter o máximo de conhecimento específico possível sobre dado assunto (FONSECA, 2002).

No período do mês de julho de 2017 foram consultados livros, revistas, artigos acadêmicos, sites, monografias, dissertações e teses que abordavam assuntos relacionados ao tema.

A análise de dados será observacional e comparativa. Os dados coletados durante a pesquisa bibliográfica serão observados e comparados entre si. A partir dessa comparação, pretende-se descobrir como se dá a relação positiva entre a razão e a fé.

2 DESENVOLVIMENTO

Razão é a linguagem universal que se desenvolve com base em uma definição, ideia, opinião, pensamento, concepção e que pode fazer ou não uso de metodologias puramente técnicas, que possibilitem compreender o mundo, as coisas, os fenômenos, os processos, as relações, as representações e os fatos, (MINAYO, 2001).

A razão pode ser compreendida como a capacidade intelectual do homem de identificar, questionar, investigar e determinar o coerente e o contraditório sobre um dado objeto em análise. Pode se apropriar: do princípio: tautológico – se explicam por si mesmos (princípio da identidade); princípio da não contradição – em um único conceito não pode estar presente ser e não ser simultaneamente; princípio do terceiro excluído – não haver uma situação intermediária entre o ser e o não ser.

A razão faz uso de dois tipos de raciocínio: dedutivo – as premissas em estudo são suficientes para fornecer uma conclusão; indutivo – as conclusões gerais são obtidas a partir da análise de coisas concretas.

Na concepção dos teóricos racionalistas a razão é o único instrumento capaz de construir o conhecimento (CRUZ, 2017).

Fonseca (2002) descreve o conhecimento como, produto do esforço humano para resolução das contradições entre as representações e suas realidades.

O modo ou caminho pelo qual se alcança a realidade da representação pode ser classificado como: senso comum ou empírico, teológico, mítico, filosófico, científico.

Razão empírica, conhecimento que se adquire com base nas próprias experiências, sem devida comprovação científica (TARTUCE, 2006). Teóricos empiristas se utilizavam de métodos indutivos para estabelecer enunciados universais (leis, princípios, teorias) com base em enunciados particulares (observação, experiência).

Razão teológica, fundamentada em um conjunto de crenças que se relacionam de maneira muito íntima com o: metafísico – busca desvendar a essência das coisas, e que se encontra além da física; sobrenatural – suas características próprias superam os limites impostos pela natureza; divino – essencialmente característico da divindade, que está diretamente relacionado aos deuses, ou a Deus; sagrado – está relacionado com a santidade, possui caráter de inviolável, não pode ser tocado e diz respeito ao divino; transcendental – é atribuído à divindade, está além de todos os limites existentes no universo.

Mediante o conhecimento teológico busca-se: provar a existência de Deus e provar a inspiração divina dos textos sagrados, para que os mesmos possam ser aceitos como verdades absolutas e incontestáveis. Para isso os teólogos lançam mão de estudos sistemáticos de escritos sagrados, (RUIZ, 1995).

Razão mítica, tenta buscar explicações relativas ao mundo, por meio de representações que não são o resultado de experimentos científicos, nem de raciocínios lógicos.

Razão filosófica se fundamenta na reflexão para a construção de conceitos e ideias. Sendo racional dispensa comprovação da experimentação científica, seus objetos de estudo não possuem caráter material (TARTUCE, 2006).

Razão científica provém da análise de fatos reais com a devida comprovação científica. Esta por sua vez é derivada de experimentações puramente técnicas que são utilizadas para determinar se uma específica teoria é falsa ou verdadeira (TARTUCE, 2006).

Fé dentro do contexto religioso pode ser definida como característica própria daqueles que inseridos em uma religião admitem como verdade inquestionável os princípios propagados por ela. Implica em ter atitudes positivas mediante circunstâncias negativas.

A fé cristã está fundamenta na crença em Jesus Cristo como único Senhor e suficiente Salvador, e na Bíblia Sagrada como única regra de fé e prática (ALMEIDA, 2008). Religião é a institucionalização da fé. É a fé praticada dentro de uma instituição religiosa, templo, mesquita, etc. Cada religião acolhe e defende um sistema doutrinário que de modo generalizado parte da crença: da existência de um ser superior ou divindade; da existência de um poder superior ou sobrenatural; do regimento da vida humana por um ser supremo; da necessidade do ser humano ter um profundo relacionamento de intimidade com o ser divino; da existência de escritos sagrados, inspirados pela divindade.

“Diz-se em primeiro lugar, que a fé é uma resposta de obediência a Deus. Isto implica que Ele seja reconhecido na sua divindade, transcendência e liberdade suprema. Deus que Se dá a conhecer na autoridade da sua transcendência absoluta traz consigo também a credibilidade dos conteúdos que revela. Pela fé, o homem presta *assentimento* a esse testemunho divino. Isto significa que reconhece plena e integralmente a verdade de tudo o que foi revelado porque é o próprio Deus que o garante. Esta verdade, oferecida ao homem sem que ele a possa exigir, insere-se no horizonte da comunicação interpessoal e impele a razão a abrir-se a esta e a acolher o seu sentido profundo. É por isso que o acto pelo qual nos entregamos a Deus, sempre foi considerado pela Igreja como um momento de opção fundamental, que envolve a pessoa inteira.”, (PAULO II, 1998, p. 7-8).

Cientificismo, religião do racionalismo. Movimento religioso de corrente filosófica, defende que a única fé aceitável é aquela devidamente comprovada por pesquisas que se apropriem de metodologias puramente técnicas, aceitas no meio científico.

“Esta concepção filosófica recusa-se a admitir como válidas, formas de conhecimento distintas daquelas que são próprias de ciências positivas, relegando para o âmbito da pura imaginação, tanto o conhecimento religioso e teológico como o saber ético e estético...”, (PAULO II, 1998, p 33).

Racionalismo, suas observações são exclusivamente baseadas na razão. Está dividido em duas correntes: racionalismo clássico e racionalismo crítico.

O racionalismo clássico surgiu do anseio de estudiosos em dar respostas objetivas, desprovidas de qualquer subjetividade, que pudessem ser demonstradas mediante pesquisas e expressas por meio do pensamento lógico. Essa corrente afirma a infalibilidade dos métodos científicos, a verdade sempre será garantida por meio de demonstrações (FISICHELLA; LATOURERRE, 1994, p. 724).

O racionalismo crítico defende que nenhum conhecimento é plenamente seguro, já que falhas podem ocorrer durante os processos de pesquisa. Porque o ser humano pode cometer erros na busca por soluções de problemas cognitivos (FISICHELLA; LATOURERRE, 1994).

Ateísmo reduz a fé religiosa à mera superstição, não se considera incrédulo, se caracteriza como aquele que não admite crença em uma divindade (LACOSTE, 2005).

Fideísmo, afirma ser a fé a única ferramenta segura, capaz de encontrar a verdade.

“... fideísmo, que não reconhece a importância do conhecimento racional e do discurso filosófico para a compreensão da fé, melhor, para a própria possibilidade de acreditar em Deus...” (PAULO II, 1998, p. 31).

Experiência religiosa é a relação que o ser humano tem com aquilo que ele mesmo considera como sagrado. É um ato diretamente relacionado ao que transcende. Os significados produzidos pelo envolvimento com o transcendental podem ser traduzidos mediante linguagem de: símbolos – expressões de linguagem que evocam em determinado contexto aquilo que é subjetivo; a linguagem simbólica permite ao indivíduo reviver em suas lembranças momentos sagrados; mitos – narrativas que descrevem ou explicam fatos místicos ou fabulosos como a criação do homem, por exemplo; ritos – princípios cerimoniais os quais devem ser rigorosamente observados em uma prática religiosa. A experiência religiosa pode ser descrita com base em diversos pontos de vista.

A fenomenologia estuda as experiências religiosas no âmbito da consciência. Descreve a forma como esses acontecimentos se tornam perceptíveis no mundo (TEIXEIRA, 2017).

A teologia estuda as mudanças provocadas nos indivíduos que foram impactados em suas experiências religiosas de íntimo relacionamento com Deus, de

modo especial a experiência da salvação. De modo generalizado a teologia busca compreender as transformações produzidas pelos fenômenos de transcendência (TEIXEIRA, 2017).

A psicologia busca a compreensão das alterações de consciência capazes de provocar mudanças no padrão de comportamento dos indivíduos que passaram por alguma experiência de transcendência (TEIXEIRA, 2017).

A sociologia estuda o relacionamento e as práticas em grupo dos indivíduos que tiveram ou buscam envolvimento com o transcendental. E como essas experiências religiosas alteram a vida na sociedade comum (TEIXEIRA, 2017).

A relação entre razão e fé se dá de forma interdependente. Pois para se adquirir a fé é necessário a presença do conhecimento, e para que o conhecimento se torne algo factual se faz necessário a presença da fé (PAULO II, 1998).

Atentando para o livro de Daniel, na Bíblia Sagrada, percebe-se que ele e seus três amigos foram levados como cativos para a Babilônia, onde deveriam aprender toda a cultura e ciência daquele povo. Nota-se que eles eram pessoas cheias de fé em Deus, este por sua vez lhes concedeu conhecimento e inteligência em toda a ciência e cultura do Império Babilônico dez vezes superior àqueles que não professavam sua fé no Deus de Israel.

Por meio da fé Daniel e seus amigos se mantinham fiéis ao Deus de Israel, e mediante a cultura e ciência se mantinham responsáveis pela administração do Império Babilônico.

Levando-se em conta que o ser humano possua natureza espiritual e material, torna-se primordial a fé para o cultivo da sua espiritualidade frente ao celestial e razão para o cultivo da sua materialidade frente ao mundo físico.

Para Santo Agostinho a razão natural é pré-requisito de extrema importância para a aceitação da fé. Enquanto a fé é fundamental para dar à razão a compreensão de verdades sobrenaturais (FREITAS, 2017). Santo Agostinho defendia uma relação de reciprocidade entre razão e fé. Para ele, uma obrigatoriamente dependia da outra para a aquisição do verdadeiro conhecimento.

Santo Tomás de Aquino foi um dos grandes nomes da escolástica, seus esforços se concentraram na tentativa de conciliar razão e fé no período medieval. Na concepção de Tomás de Aquino razão e fé eram: distintas sim, opostas jamais (SALATIEL, 2017). Para Tomás de Aquino, razão e fé tinham uma mesma essência, procediam da mesma verdade eterna e deveria desempenhar funções primordiais

em relação à fé, Tais funções seriam: demonstrar a fé mediante argumentos extrínsecos que dessem plena credibilidade à veracidade da revelação divina; demonstrar por argumentos passíveis de comprovação científica que o mistério divino é conveniente e racional; distinguir, elucidar e agrupar em um corpo de doutrina as verdades da fé, pois a sacra teologia é ciência em grau eminente.

Um grande exemplo de como a razão e a fé atuando juntas podem fornecer ao ser humano amplo conhecimento, é a observação da abertura do Mar Vermelho, fenômeno descrito na Bíblia Sagrada. Biblicamente milagres são produzidos por Deus mediante atitude de fé do indivíduo que o busca continuamente e que possui livre acesso a ele, por meio da pessoa de Jesus Cristo; são intervenções divinas, acontecimentos de esfera sobrenatural no mundo natural, (ALMEIDA, 2008).

Sendo Deus um ser transcendente, suas manifestações de onipotência neste mundo ocorrem através de coisas materiais, físicas. Observando o relato bíblico da abertura do Mar Vermelho no livro de Êxodo, o texto bíblico diz que Deus o abriu para o seu povo atravessar a pé seco, quando Moisés estendeu seu cajado em direção ao referido mar. Agora olhando atentamente cada evento que antecedeu a abertura do mar, percebe-se os seguintes elementos:

1. Deus ordena a Moisés que estenda seu cajado em direção ao mar.
2. Ao obedecer, Moisés, o comando divino, um forte vento começa a soprar na direção do mar.
3. O vento forte soprou a noite inteira.
4. Ao amanhecer começa a travessia do povo de Israel a pé seco pelo Mar Vermelho, já aberto.

Biblicamente fundamentado, pode-se afirmar que ocorreu um milagre, cientificamente embasado, afirma-se que ocorreu uma série de fenômenos naturais que possibilitaram a abertura do mar. Nota-se que entre o início e o fim do milagre, há um intervalo de tempo necessário para que haja uma sequência de eventos fundamentais para a materialização do prodígio.

Muitos pesquisadores e cientistas já estudaram o relato bíblico das dez pragas do Egito chegaram à conclusão de que uma série de eventos cósmicos, biológicos foram os responsáveis naturais por tais eventos (NERI; LOIOLA, 2015).

Um artigo publicado na Revista Veja intitulado: A verdade sobre as 10 pragas do Egito, traz um relato bastante detalhado e explicativo sobre as possíveis causas

desses eventos ocorridos nos tempos bíblicos. Tais relatos serão apresentados a partir deste ponto:

1. Água transformada em sangue – após estudos das estalagmites de cavernas egípcias, os cientistas puderam reconstruir os padrões do clima da época de Ramsés II, concluindo ter ocorrido drástica mudança climática na região. A falta de chuvas e elevada temperatura podem ter influenciado nas características do Rio Nilo, tornando suas águas barrentas, propiciando o surgimento e proliferação acelerada de uma alga denominada *Oscillatoria rubescens*. Com a morte dessas algas, as águas do Nilo assumiram coloração avermelhada. É possível que em razão da baixa oxigenação da água os peixes tenham morrido.

2. Rãs – a infestação de rãs parece ter ocorrido como consequência direta da primeira praga. Com as águas poluídas, tornou-se inviável a sobrevivência de animais aquáticos. Tal evento poderia ter forçado a saída em massa das rãs de dentro das águas do Nilo.

3. Piolhos – a terceira praga pode ter ocorrido em consequência do fim da segunda. Com a morte das rãs, predadoras naturais desses insetos, eles parecem ter encontrado ambiente nada hostil para sua proliferação.

4. Moscas – essa praga também teria ocorrido em consequência do fim da segunda praga.

5. Morte dos animais – nesta praga teria ocorrido a morte dos rebanhos dos egípcios. Parece ter sido desencadeada pela terceira e quarta pragas. Moscas e piolhos podem ter servido como vetores de doenças. O contato desses insetos com os peixes e as rãs mortos poderia ter resultado em algum tipo de contaminação. Essa contaminação teria sido repassada aos rebanhos por meio da picada dos tais insetos.

6. Feridas – o relato bíblico diz que os egípcios foram acometidos por feridas e úlceras. A sexta praga ao que afirma os estudiosos teria sido consequência da terceira, quarta e quinta pragas. Os egípcios poderiam ter sofrido algum tipo de contaminação da qual resultaria o aparecimento das feridas que logo evoluiriam para úlceras, pela picada dos piolhos, pelo contato das moscas e suas larvas com os alimentos que ingeriam e pelo consumo da carne dos animais contaminados, de seus rebanhos.

7. Granizo – a explicação para o acontecimento dessa praga, vem do vulcão Thera. Estudiosos afirmam que próximo à época das pragas anteriores, esse vulcão

teria entrado em uma das maiores erupções já registradas pela história. Bilhões de toneladas de cinzas teriam sido lançadas na atmosfera, além de pedras em chamas.

8. Gafanhotos – a praga anterior poderia ter criado um ambiente favorável para esses gafanhotos, como o vulcão teria expelido cinzas, algumas alterações climáticas poderiam ter ocorrido fazendo com que esses insetos migrassem para aquela região.

9. Escuridão – essa praga também poderia ter sido decorrente da sétima, as cinzas expelidas da erupção vulcânica teriam sido em níveis tão volumosos que uma densa nuvem teria se formado, permanecendo suspensa, por um intervalo de tempo que durou três dias.

10. Morte dos primogênitos – de acordo com os relatos bíblicos todos os primogênitos dos egípcios teriam sido mortos por essa praga. Estudiosos afirmam que a morte poderia ter ocorrido devido à ingestão de alimentos contaminados por fungos, já que de acordo com a cultura da época os primogênitos eram os primeiros a se servirem. Ou teriam sido mortos pela inalação de gases tóxicos, os quais teriam sido liberados na atmosfera por abalos sísmicos supostamente provocados por uma erupção vulcânica. Os primogênitos dormiam no térreo.

Como já foi apresentado, entre o início da ocorrência de um milagre e a conclusão do mesmo há um intervalo de tempo, onde fenômenos naturais ocorrem. A Bíblia Sagrada descreve o anúncio e a conclusão do prodígio, mas na maioria dos casos não informa o intervalo de tempo, nem os acontecimentos entre eles. Assim sendo as explicações científicas para os milagres das dez pragas no Egito podem ser bastante pertinentes.

Um artigo intitulado, A ciência da fé, publicado na Revista Super Interessante traz informações sobre os benefícios salutareis cientificamente comprovados na vida de indivíduos que professam seguir uma religião. Ainda segundo esse mesmo artigo pessoas religiosas desfrutam de melhor saúde e maior longevidade, pois uma vida baseada na fé, ou em preceitos religiosos, de fato melhora o bem estar moral, intelectual, físico e espiritual.

Para uma explicação científica a respeito da origem da fé pesquisadores como Dean Hamer lançaram mão da genética. Sua pesquisa sobre a genética da fé é descrita no artigo: A ciência da fé, publicado na Revista Super Interessante. Em seus estudos D. Hamer afirma ter descoberto o “gene da fé”, denominado VMAT2. Hamer afirma que o ser humano é geneticamente programado para crer em Deus.

trata-se de um conjunto de genes que ativam substâncias químicas que dão significado às nossas experiências. Eles atuam no cérebro regulando a ação dos neurotransmissores dopamina, ligada ao humor, e serotonina, relacionada ao prazer. Durante a meditação, por exemplo, esses neurotransmissores alteram o estado de consciência. “Somos programados geneticamente para ter experiências místicas” (LISBOA, 2014).

O cientista Michael Persinger diz ser possível reproduzir em laboratório as sensações experimentadas por aqueles que entram em contato com o transcendental mediante estímulos do lobo temporal, sendo assim, possível reproduzir sensações como as que são geradas no corpo humano quando um indivíduo está em um momento de oração.

3 CONCLUSÃO

Como foi mostrado no desenvolvimento desta pesquisa, ciência e fé não são duas coisas que se opõem, ou estão em constante contradição, embora sejam extremamente distintas. Mesmo a ciência tendo o papel de discorrer sobre coisas naturais e a fé sobre coisas transcendentais, uma é de suma importância para a explicação e compreensão da outra. Por meio da ciência a fé entra em um relacionamento com o natural e mediante a fé a ciência passa a desenvolver um relacionamento com o transcendental. Sendo o ser humano composto de espírito, alma e corpo, e sendo que: com o espírito ele entra contato com o transcendental; com o corpo, o mesmo ser humano entra em contato com o natural; com sua alma, a qual é o centro da razão, ele transita pelos dois mundos, o que é físico e o que transcende, uma vez que ela acomoda as experiências de um e o conhecimento do outro. Razão e fé contribuem para o desenvolvimento mútuo, quando tentam andar juntas para desvendar os mistérios da fé e alcançar o pleno conhecimento da verdade. Quando assim acontece o verdadeiro saber é construído, saber que tem um “pé na razão e o outro no que transcende”. Como disse Albert Einstein, “A ciência sem religião é manca, a religião sem a ciência é cega”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada Revista e Atualizada no Brasil**. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAPPIN, Marcel. **Introdução à história da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1999.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V conferência geral do episcopado latino-americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **Nós cremos**: São Paulo: Loyola, 2000.

CRUZ, mariana. **A origem do conhecimento em Descartes**. Disponível em: www.educacao publica.rj.gov.br/biblioteca/filosofia/0022_01.html. Acessado em: 24-07-2017.

CASINI, P. **Newton e a consciência européia**. São Paulo; Ed. UNESP, 1995.

COPI, I. **Introdução à lógica**. São Paulo: Ed. Mestre Jou; 1978.

DAMAS, Luiz Antonio Hunold de Oliveira. O desafio de educar na pós-modernidade: Rediscutindo o sistema preventivo. **Revista de Ciências da Educação**. São Paulo: Centro Universitário de São Paulo, Vol. 1, n. 1, 1999.

DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. **Dicionário de Filosofia**. Campinas: Papius, 1993.

FISICHELLA, Rino; LATOURERRE, René. Seularidade In. **Diccionario teologia fundamental**. Tradução de Luiz João Baraúna. Petrópolis: Vozes: Santuário, 1994.

FREITAS, Manoel da Costa. **Razão e fé no pensamento de Santo Agostinho**. Disponível em: <http://www.snpcultura.org>. Acessado em: 26/07/2017.

FONSECA, João. José. Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUREZ, G. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1995.

GRANGER, G. G. **A ciência e as ciências**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

II PAULO, João. **Carta Encíclica Fides et Ratio**. Disponível em: <http://www.santuariofatima.org.br>. Acessado em: 25/07/2017.

HONDERICH, T. (ed.) **The Oxford companion to Philosophy**. Oxford: Oxford Unversity Press, 1995.

HUME, D. **Investigação sobre o entendimento humano**. Lisboa: Ed. 70, 1985.

KANT, I. **Crítica da razão pura Os pensadores**. Vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

KANT, I. **Crítica da razão pura Os pensadores**. Vol. II. São Paulo: Nova Cultural

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria e prática da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1997

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. Tradução de Paulo Meneses; et al. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

LISBOA, Silvia. A ciência da fé. **Revista Super Interessante**. Disponível em: <http://www.super.abril.com.br/ciencia/a-ciencia-da-fe>. Acessado em: 25/07/2017.

LIBANIO, João Batista. **A construção da Fé**. in: Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação. Valencia/Espanha: LBT, 2001.

MANN, Carlos. **A Magia do Egito: deuses e mitos**. São Paulo: Escala, n. 5, 2003.

MARQUES, Luiz. De Giotto a Michelangelo. **História Viva Grandes Temas**. São Paulo: Duetto, n. 5, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NERI, Gabriela de Castro; LOIOLA, Rita. **A verdade sobre as 10 pragas do Egito**. Disponível em: <http://www.veja.abril.com.br/ciencia/a-verdade-sobre-as-10-pragas-do-egito>. Acessado em: 27/07/2017.

PÉREZ, R. G. **História básica da Filosofia**. São Paulo, Nerman, 1988.

POPPER, K.R. **Conhecimento objetivo**. São Paulo: EDUSP, 1975.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1993.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica - guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 1995.

SANTOS, M. H. V. **Kant Marx Freud Bachelard Piaget**. Porto: Ed. Porto, 1981

SALATIEL, José Renato. **Santo Tomás de Aquino: razão a serviço da fé.** Disponível em: <http://Educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/santo-tomas-de-aquino-razao-a-servico-da-fe.htm>. Acessado em: 26/07/2017.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Afrontamento, 1987.

SEABRA, G. F. **Pesquisa científica: o método em questão.** Brasília: Ed. da UnB, 2001.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2000.

SILVEIRA, F. L. **A filosofia da ciência de Karl Popper:** o racionalismo crítico. Caderno Catarinense de Ensino de Física, Florianópolis, v.13, n.3: p.197-218, dez. 1996.

SWINBURNE, R. (org.) **La justificación del razonamiento inductivo.** Madrid: Alianza, 1974.

TARTUCE, T. J. A. **Métodos de pesquisa.** Fortaleza: UNICE – Ensino Superior, 2006. Apostila.

TEIXEIRA, Faustino. **Experiência religiosa:** abordagem das ciências da religião: Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?=203>. Acessado em: 26/07/2017.